

MAIS PODEROSA QUE A ESPADA

JEFFREY ARCHER

AS CRÓNICAS DE CLIFTON

VOLUME CINCO

MAIS PODEROSA QUE A ESPADA

Tradução de
FERNANDA OLIVEIRA



BERTRAND EDITORA

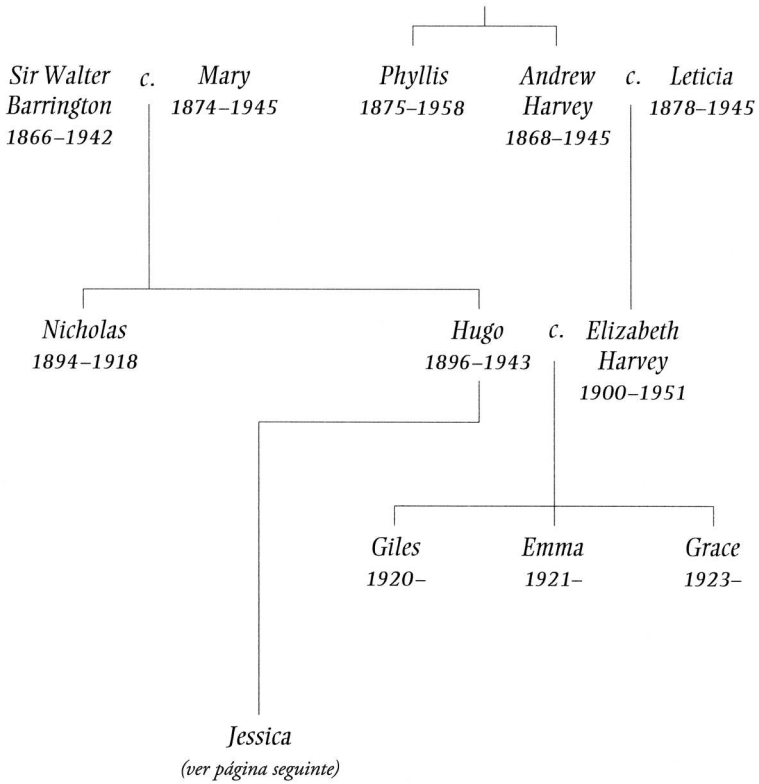
Lisboa 2017

Para
HARRY

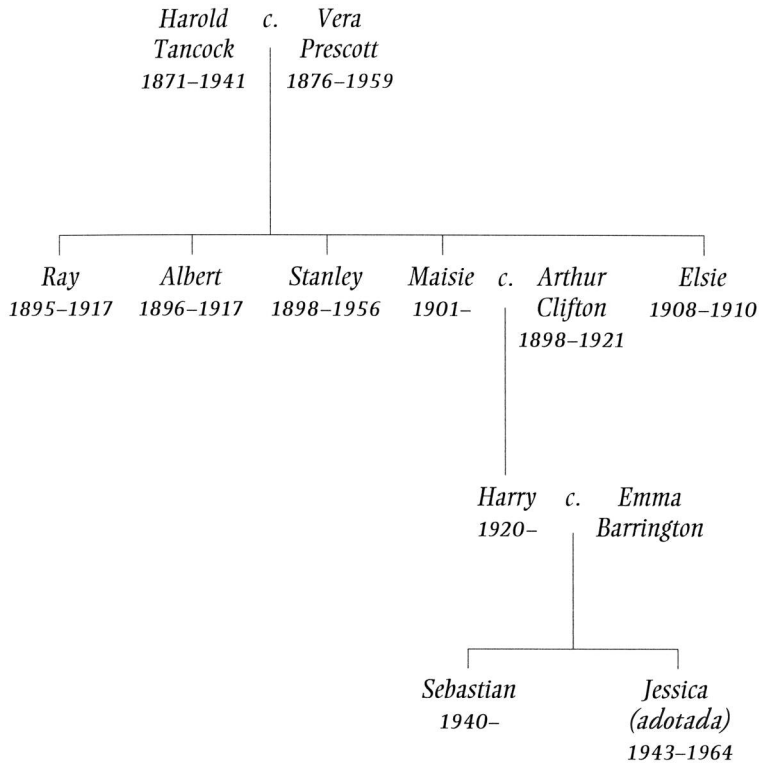
Os meus agradecimentos vão para as seguintes pessoas,
pelos seus preciosos conselhos e pesquisa:
Simon Bainbridge, Alan Gard, Professor Ken Howard,
Alison Prince, Catherine Richards, Mari Roberts,
Dr. Nick Robins e Susan Watt.

E para Simon Sebag Montefiore, autor de
Stalin: The Court of the Red Tsar e *Young Stalin*,
pelo seu aconselhamento e erudição.

OS BARRINGTON



OS CLIFTON



Sob o governo de homens verdadeiramente grandes,
a caneta é mais poderosa que a espada.

— EDWARD BULWER-LYTTON, 1803-1873

PRÓLOGO

OUTUBRO 1964

Brendan não bateu à porta da cabina, limitou-se a rodar a maçaneta e a esgueirar-se lá para dentro, olhando para trás enquanto o fazia, para ter a certeza de que ninguém o tinha visto. Não queria ter de explicar o que é que um jovem da segunda classe estava a fazer no quarto de um idoso par do reino àquela hora da noite. Não que alguém fosse tecer comentários.

— Há hipótese de sermos interrompidos? — perguntou Brendan depois de ter fechado a porta.

— Ninguém nos irá incomodar antes das sete da manhã, e nessa altura já não haverá ninguém para incomodar.

— Ótimo! — exclamou Brendan. Caiu de joelhos, abriu a grande arca, levantou a tampa e estudou a máquina complexa que tinha levado mais de um mês a construir. Passou a meia hora seguinte a verificar que não havia fios soltos, que cada mostrador estava devidamente programado e que o relógio começava a contar quando se acionava um interruptor. Só quando comprovou que estava tudo a funcionar na perfeição é que se voltou a levantar.

— Está tudo pronto — disse ele. — Quando é que o queres ativado?

— Três da manhã. E vou precisar de trinta minutos para tirar isto tudo — acrescentou o homem idoso, tocando no seu duplo queixo — e ainda ter tempo suficiente para chegar à minha outra cabina.

Brendan regressou à arca e programou o temporizador para as três horas.

— A única coisa que precisas de fazer é acionar o interruptor antes de te ires embora e verificar se o ponteiro dos segundos está a andar, a partir daí tens trinta minutos.

— Então e o que é que pode correr mal?

— Se os lírios ainda estiverem na cabina da senhora Clifton, nada. Ninguém neste corredor, e provavelmente ninguém no convés por baixo, conseguirá sobreviver. Há quase três quilos de dinamite enfiados na terra por baixo daquelas flores, muito mais do que precisamos, mas pelo menos dessa forma temos a certeza de receber o nosso dinheiro.

— Tens a minha chave?

— Sim — disse Brendan. — Cabina setecentos e seis. O passaporte novo e o bilhete estão debaixo da almofada.

— Há mais alguma coisa com que me deva preocupar?

— Não. Certifica-te apenas de que o ponteiro dos segundos está a andar antes de te ires embora.

Doherty sorriu.

— Vemo-nos em Belfast.

Harry abriu a porta da cabina e afastou-se para o lado para deixar Emma entrar primeiro.

Ela inclinou-se para cheirar os lírios que a rainha-mãe tinha enviado para comemorar a viagem inaugural do *Buckingham*.

— Estou exausta — disse ela, endireitando-se. — Não sei como é que a rainha-mãe consegue fazer isto dia sim, dia não.

— É o que ela faz, e é boa nisso, mas aposto que estaria exausta se tentasse ser presidente da Barrington's durante alguns dias.

— Mesmo assim, prefiro o meu trabalho ao dela — disse Emma enquanto tirava o vestido e o pendurava no roupeiro antes de desaparecer na casa de banho.

Harry leu uma vez mais o cartão de SAR, a rainha-mãe. Uma mensagem tão pessoal... Emma já decidira pôr a jarra no seu gabinete quando regressassem a Bristol e enchê-la de lírios todas as segundas-feiras de manhã. Harry sorriu. E porque não?

Quando Emma saiu da casa de banho, Harry ocupou o lugar dela e fechou a porta atrás de si. Ela despiu o roupão e enfiou-se na cama, demasiado cansada para pensar sequer em ler umas páginas de *O Espião que Saiu do Frio*, de um autor novo que Harry lhe recomendara. Apagou a luz da sua mesa de cabeceira e disse «Boa noite, querido», embora soubesse que Harry não a podia ouvir.

Quando Harry saiu da casa de banho, já ela estava a dormir profundamente. Ele aconchegou-a como se fosse uma criança, beijou-lhe a fronte e sussurrou «Boa noite, minha querida», depois subiu para a sua cama, divertido com o seu suave ronronar. Nunca se teria atrevido a insinuar que ela ressonava.

Ficou acordado, imensamente orgulhoso dela. O lançamento à água não podia ter corrido melhor. Virou-se de lado, presumindo que adormeceria dentro de momentos, mas, embora sentisse as pálpebras pesadas e estivesse exausto, não conseguia dormir. Havia alguma coisa que não estava bem.

Havia outro homem, agora regressado em segurança à segunda classe, que também estava completamente desperto. Embora fossem três da manhã e o seu trabalho estivesse feito, não estava a tentar dormir. Era quase hora de ir trabalhar.

Sempre as mesmas ansiedades quando era preciso esperar. Teria deixado alguma pista que levasse diretamente à sua pessoa? Teria cometido algum erro que fizesse com que a operação redundasse em fracasso e que o transformasse em motivo de chacota quando voltasse ao seu meio? Não ia conseguir desconstrair enquanto não estivesse num barco salva-vidas e, melhor ainda, noutra navio em direção a outro porto.

Cinco minutos e catorze segundos...

Sabia que os seus compatriotas, soldados na mesma causa, estavam tão nervosos quanto ele.

A espera era sempre a pior parte, impossível de controlar, pois já não havia nada que se pudesse fazer.

Quatro minutos e onze segundos...

Pior do que um jogo de futebol quando se está a ganhar um a zero, mas sabemos que o adversário é mais forte e bem capaz de marcar no tempo de descontos. Lembrou-se das instruções do seu comandante de área: quando o alarme disparar, certifica-te de que estás entre os primeiros a chegar ao convés e a entrar nos salva-vidas, pois amanhã, por esta altura, vão andar à procura de toda a gente com menos de trinta e cinco anos e com sotaque irlandês, portanto mantenha a boca fechada, rapazes.

Três minutos e quarenta segundos... trinta e nove...

Olhou para a porta da cabina e imaginou o pior que podia acontecer. A bomba não explodia, a porta abria-se e uma dúzia de polícias, possivelmente mais, entrava de rompante, agitando os bastões em todas as direções, sem se importar com o número de vezes que o atingiam. Mas a única coisa que ele conseguia ouvir era o trabalhar ritmado do motor à medida que o *Buckingham* continuava a sua calma travessia do Atlântico em direção a Nova Iorque. Uma cidade onde nunca chegaria.

Dois minutos e trinta e quatro segundos... trinta e três...

Começou a imaginar como seria quando estivesse de volta a Falls Road. Rapazes de calções iriam levantar os olhos com admiração quando passasse por eles na rua, com a única ambição de serem como ele quando crescessem. O herói que fizera o *Buckingham* ir pelos ares poucas semanas depois de ter sido batizado pela rainha-mãe. Sem qualquer menção às vidas inocentes perdidas; não há vidas inocentes quando se acredita numa causa. Na verdade, nunca encontrara nenhum dos passageiros que viajavam nas cabinas dos conveses superiores. Iria ler tudo sobre eles nos jornais do dia seguinte e, se tivesse feito o seu trabalho como devia ser, o seu nome não seria mencionado.

Um minuto e vinte e dois segundos... vinte e um...

O que é que podia correr mal, agora? Iria o engenho, construído num quarto de um primeiro andar em Dungannon, deixá-lo ficar mal no último minuto? Estaria prestes a sofrer o silêncio do fracasso?

Sessenta segundos...

Começou a sussurrar cada número.

— Cinquenta e nove, cinquenta e oito, cinquenta e sete, cinquenta e seis...

Seria possível que o homem embriagado que se encontrava refastelado na cadeira da sala estivesse à sua espera? Viriam agora a caminho da sua cabina?

— Quarenta e nove, quarenta e oito, quarenta e sete, quarenta e seis...

Teriam os lírios sido substituídos, deitados fora, levados dali? Talvez a senhora Clifton fosse alérgica ao pólen...

— Trinta e nove, trinta e oito, trinta e sete, trinta e seis...

Teriam entrado no quarto de Lord Glenarthur e descoberto a arca aberta?

— Vinte e nove, vinte e oito, vinte e sete, vinte e seis...

Estariam já a revistar o navio, à procura do homem que se tinha esgueirado da casa de banho da sala de estar da primeira classe?

— Dezanove, dezoito, dezassete, dezasseis...

Teriam... agarrou-se à borda da cama, fechou os olhos e começou a contar em voz alta.

— Nove, oito, sete, seis, cinco, quatro, três, dois, um...

Parou de contar e abriu os olhos. Nada. Só o silêncio arrepiante que se seguia sempre ao fracasso. Inclinou a cabeça e rezou a um Deus em que não acreditava, e logo a seguir ouviu-se uma explosão de uma ferocidade tal que ele foi projetado contra a parede da cabina como uma folha numa tempestade. Levantou-se cambaleante e sorriu quando ouviu os gritos. Só gostava de saber quantos passageiros teriam conseguido sobreviver na cobertura superior.

HARRY E EMMA

1964-1965

— SAR — murmurou Harry ao despertar do seu meio sono letárgico.

Sentou-se sobressaltado, acendeu o candeeiro da mesinha de cabeceira e, a seguir, saiu da cama e atravessou rapidamente o quarto até à jarra de lírios. Leu a mensagem da rainha-mãe pela segunda vez. *Obrigada por um dia memorável em Bristol. Espero que a viagem inaugural da minha segunda casa seja um sucesso.* Estava assinada SAR a Rainha Isabel, a Rainha-Mãe.

— Um erro tão simples — disse Harry. — Como é que deixei escapar isto? — Pegou no roupão e ligou as luzes da cabina.

— Já são horas de levantar? — indagou uma voz sonolenta.

— Sim — disse Harry. — Temos um problema.

Emma olhou de esguelha para o relógio da mesa de cabeceira.

— Mas pouco passa das três — protestou ela, olhando para o marido, que continuava a olhar atentamente para os lírios. — Qual é o problema, então?

— SAR não é o título da rainha-mãe.

— Toda a gente sabe isso — disse Emma, ainda meio a dormir.

— Toda a gente, exceto a pessoa que enviou estas flores. Porque é que não sabiam que a maneira correta de tratar a rainha-mãe é por Sua Majestade e não por Sua Alteza Real? Este título é reservado às princesas.

Emma saiu com relutância da cama, foi ter com o marido e examinou ela própria o cartão.

— Pede ao capitão que venha ter imediatamente connosco — disse Harry. — Precisamos de descobrir o que está nesta jarra — acrescentou, antes de se ajoelhar.

— Provavelmente, é apenas água — disse Emma estendendo a mão.

Harry agarrou-lhe o pulso.

— Olha com mais atenção, minha querida. A jarra é demasiado grande para algo tão delicado quanto uma dúzia de lírios. Liga ao capitão — repetiu, desta vez em tom mais urgente.

— Mas a florista pode ter cometido simplesmente um erro.

— Esperemos que sim — disse Harry, começando a dirigir-se para a porta. — Mas não nos podemos dar ao luxo de correr esse risco.

— Onde é que vais? — perguntou Emma, enquanto pegava no telefone.

— Acordar Giles. Ele tem mais experiência com explosivos do que eu. Passou dois anos da sua vida a colocá-los aos pés das tropas avançadas alemãs.

Quando Harry saiu para o corredor, distraiu-se ao ver um homem idoso a desaparecer em direção à escadaria principal. Movia-se demasiado depressa para a idade que aparentava, pensou Harry. Bateu com firmeza à porta da cabina de Giles, mas foi preciso bater uma segunda vez com o punho fechado para ouvir uma voz ensonada dizer:

— Quem é?

— Harry.

A urgência na sua voz fez Giles saltar da cama e abrir a porta de imediato.

— Qual é o problema?

— Vem comigo — disse Harry sem mais explicações.

Giles vestiu o roupão e seguiu o cunhado pelo corredor fora até ao camarote.

— Bom dia, mana — disse ele a Emma, enquanto Harry lhe entregava o cartão e dizia: — SAR.

— Já percebi — disse Giles depois de examinar o cartão. — Não pode ter sido a rainha-mãe a enviar as flores. Mas, se não foi ela, quem foi?

Inclinou-se e analisou a jarra mais de perto.

— Quem quer que tenha sido pode ter enfiado ali dentro uma data de Semtex.

— Ou umas boas medidas de água — disse Emma. — Têm a certeza de que não estão a preocupar-se sem razão?

— Se é água, porque é que as flores já estão a murchar? — perguntou Giles, ao mesmo tempo que o capitão Turnbull batia à porta antes de entrar na cabina.

— Pede para falar comigo, senhora presidente?

Emma começou a explicar por que motivo o marido e o irmão estavam ambos de joelhos.

— Há quatro oficiais do SAS a bordo — disse o capitão, interrompendo a presidente. — Um deles deve ser capaz de responder às perguntas que o senhor Clifton possa ter.

— Presumo que não seja coincidência o facto de se encontrarem a bordo — disse Giles. — Não acredito que decidiram todos passar férias em Nova Iorque ao mesmo tempo.

— Estão a bordo a pedido do secretário do Gabinete — replicou o capitão. — Mas Sir Alan Redmayne assegurou-me que era apenas uma medida de precaução.

— Como de costume, esse homem sabe alguma coisa que nós não sabemos — disse Harry.

— Então, talvez esteja na altura de descobrir o que é.

O capitão saiu da cabina e desceu rapidamente o corredor, parando apenas quando chegou à cabina 119. O coronel Scott-Hopkins respondeu ao batimento na porta bastante mais depressa do que Giles fizera minutos antes.

— Tem algum especialista em minas e armadilhas na sua equipa?

— O sargento Roberts. Ele integrou a brigada de minas e armadilhas na Palestina.

— Preciso dele agora na cabina da presidente.

O coronel não perdeu tempo a perguntar porquê. Correu até à escadaria principal e deu de caras com o capitão Hartley a correr em direção a ele.

— Acabei de ver Liam Doherty a sair dos lavabos da sala de estar da primeira classe.

— Tens a certeza?

— Sim. Entrou como par do reino e saiu vinte minutos depois como Liam Doherty. Em seguida, desceu para a segunda classe.

— Isso pode explicar tudo — disse Scott-Hopkins enquanto continuava a descer a escadaria com Hartley no seu encalço.

— Qual é o número da cabina do Roberts?

— Setecentos e quarenta e dois — disse Hartley, enquanto saltavam a corrente vermelha para acederem à escadaria mais estreita. Só pararam quando chegaram ao convés número 7, onde o cabo Crann saiu da sombra.

— O Doherty passou por ti nos últimos minutos?

— Bolas! — disse Crann. — Eu sabia que tinha visto esse filho da mãe a pavonear-se em Falls Road. Entrou na setecentos e seis.

— Hartley — disse o coronel enquanto continuava a correr pelo corredor fora —, tu e o Crann fiquem de olho em Doherty. Certifiquem-se de que ele não sai da cabina. Se sair, prendam-no.

O coronel bateu à porta da cabina 742. O sargento Roberts não precisou que batessem segunda vez. Abriu a porta segundos depois e saudou o coronel Scott-Hopkins com um «Bom dia, meu coronel», como se o seu comandante costumasse acordá-lo a meio da noite, de pijama vestido.

— Pega no teu *kit* de ferramentas, Roberts, e segue-me. Não há tempo a perder — disse o coronel, novamente em movimento.

Roberts só conseguiu alcançar o comandante depois de galgar três lanços de escada. Quando chegaram ao corredor do camarote, Roberts já sabia de qual das suas competências específicas o coronel precisava. Entrou a correr na cabina da presidente e examinou atentamente a jarra por um momento, antes de circundá-la devagarinho.

— Se for uma bomba — disse ele finalmente —, é das grandes. Nem consigo imaginar o número de vidas perdidas se não conseguirmos desarmá-la.

— Mas consegues fazê-lo? — perguntou o capitão, parecendo extraordinariamente calmo. — Porque, se não conseguir, a minha primeira responsabilidade é para com a vida dos meus passageiros. Dispenso comparações com uma outra viagem inaugural desastrosa.

— Não posso fazer coisa nenhuma, a menos que consiga pôr as mãos no painel de controlo. Tem de estar algures neste navio — disse Roberts —, provavelmente muito perto daqui.

— O meu palpite seria na cabina de sua senhoria — disse o coronel —, porque sabemos agora que era ocupada por um bombista do IRA chamado Liam Doherty.

— Alguém sabe em que cabina estava ele? — perguntou o capitão.

— Número três — disse Harry, lembrando-se do homem idoso que caminhava demasiado lesto. — Ao fundo do corredor.

O capitão e o sargento saíram do camarote para o corredor a correr, seguidos de Scott-Hopkins, Harry e Giles. O capitão abriu a porta da cabina com a sua chave-mestra e afastou-se para o lado para deixar Roberts entrar. O sargento dirigiu-se rapidamente para uma grande arca no meio do quarto. Levantou a tampa e espreitou para o seu interior.

— Meu Deus, está programada para detonar dentro de oito minutos e trinta e nove segundos.

— Não pode desligar simplesmente um desses? — perguntou o capitão Turnbull, apontando para uma miríade de fios de diferentes cores.

— Sim, mas qual deles? — disse Roberts, sem levantar os olhos para o capitão enquanto separava cuidadosamente os fios vermelhos, pretos, azuis e amarelos. — Já trabalhei muitas vezes com este tipo de engenho. É sempre uma hipótese em quatro, e esse não é um risco que eu queira correr. Era capaz de considerar essa possibilidade se estivesse sozinho no meio de um deserto — acrescentou —, mas não num navio no meio do oceano com centenas de vidas em risco.

— Então, vamos arrastar Doherty até aqui o mais depressa possível — sugeriu o capitão Turnbull. — Ele há de saber qual o fio a cortar.

— Duvido — disse Roberts —, porque desconfio que Doherty não é o bombista. Devem ter um especialista a bordo para fazer esse trabalho, e sabe Deus onde andar.

— Estamos a ficar sem tempo — recordou-lhes o coronel, enquanto olhava para o avanço inexorável do segundo ponteiro. — Sete minutos, três, dois, um...

— Então, Roberts, o que aconselha? — perguntou calmamente o capitão.

— O senhor não vai gostar disto, mas só há uma coisa a fazer, dadas as circunstâncias. E mesmo isso é um risco dos diabos, tendo em conta que temos menos de sete minutos.

— Então, desembucha, homem! — instou o coronel.

— Agarrar nesta maldita coisa, atirá-la borda fora e rezar.

Harry e Giles voltaram a correr para o camarote da presidente e tomaram posição dos dois lados da jarra. Havia várias perguntas que Emma, agora vestida, gostaria de fazer, mas como qualquer presidente sensata sabia quando devia ficar calada.

— Levantem-na devagar — disse Roberts. — Tratem-na como se fosse uma tigela cheia de água a ferver.

Como dois halterofilistas, Harry e Giles agacharam-se e levantaram lentamente a pesada jarra da mesa até ficarem os dois em pé. Assim que se convenceram de que a tinham bem segura, deslocaram-se de lado em direção à porta aberta da cabina. Scott-Hopkins e Roberts trataram de afastar rapidamente quaisquer obstáculos que eles tivessem pela frente.

— Sigam-me — ordenou o capitão quando os dois homens saíram para o corredor e avançaram lentamente para a grande escadaria. Harry nem queria acreditar no peso daquela jarra. Depois, lembrou-se do homem gigantesco que a levava para a cabina. Não admirava que não tivesse ficado à espera da gorjeta. Provavelmente, por esta altura, ia de regresso a Belfast ou estava sentado algures, junto a um rádio, à espera de ouvir a notícia sobre o trágico destino do *Buckingham* e de saber o número de passageiros que tinham perdido a vida.

Quando chegaram à base da grande escadaria, Harry começou a contar em voz alta enquanto os dois a subiam degrau a degrau. Dezasseis degraus depois, parou para recuperar o fôlego enquanto o capitão e o coronel abriam as portas de vaivém que davam para o convés superior com piscina, a menina dos olhos de Emma.

— Precisamos de ir o mais para trás possível — disse o capitão. — Assim, temos mais probabilidades de evitar danos no casco. — Harry não parecia convencido. — Não se preocupe, já não está muito longe.

Quão longe seria isso, perguntou-se Harry, que teria largado alegremente a jarra borda fora, ali mesmo. Mas não disse nada enquanto avançavam aos poucos em direção à popa.

— Eu sei exatamente como te sentes — disse Giles, lendo o pensamento do cunhado.

Continuaram a sua caminhada a passo de caracol, passando pela piscina, pelo campo de ténis e pelas espreguiçadeiras muito bem alinhadas, prontas para quando os passageiros agora adormecidos aparecessem, de manhã. Harry tentou não pensar em quanto tempo teriam até...

— Dois minutos — avisou inutilmente o sargento Roberts, olhando para o relógio.

Pelo canto do olho, Harry já conseguia ver a amurada da popa do navio. Estava a poucos passos, mas, tal como na conquista do Everest, ele sabia que esses últimos seriam os mais demorados.

— Cinquenta segundos — disse Roberts quando pararam junto à amurada que lhes dava pela cintura.

— Lembras-te quando atirámos o Fisher ao rio, no final do período? — recordou Giles.

— Como é que me podia esquecer?

— Então, vamos contar até três e atirá-lo ao mar, para nos livrarmos desse filho da mãe de uma vez por todas! — exclamou Giles.

— Um... — ambos os homens balançaram os braços para trás, mas só fizeram deslocar a jarra alguns centímetros — dois... — mais uns quantos — três... — fizeram-na recuar o mais que conseguiram e, depois, com toda a força que lhes restava, lançaram-na ao ar por cima da amurada.

Ao vê-la cair, Harry estava convencido de que ia atingir o convés ou, na melhor das hipóteses, embater na amurada, mas acabou por transpô-la por alguns centímetros e caiu no mar com um ligeiro chapé. Giles ergueu triunfantemente os braços e gritou:

— Aleluia!

Passados segundos, a bomba explodiu, projetando-os a ambos com violência ao longo do convés.